

Participação, produção, consumo

No *vostok* IV, Popovich provavelmente terá lembrado, para seu momento de grandeza, trechos de poemas de Iessiênin e Maiaçóvsqui, poetas de sua predileção. Mas o nome-de-guerra orbital que lhe impingiram foi *Águia de Ouro*. E o de Nicoláiev: *Falcão*. A burocracia sempre querendo entrar com sua coroa-zinha de latão. Bem, os astronautas norte-americanos exclamam: "Gee, t'is great!" Trogloditismo cósmico.

Em setembro último, uma das palestras de Alain Robbe-Grillet foi na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Universidade de S. Paulo. Durante os debates, tentei dizer-lhe que o chamado *nouveau roman* seria antes um *pré-nouveau roman*, e que seria difícil colocar o problema do novo romance sem colocar o problema da prosa, melhor ainda — do texto. Respondeu que não se pode presumir qual ou como deva ser o novo romance e indagou se minha interpeção não conteria (continha) uma crítica à frase bem comportada ("um peu sage") do *nouveau roman*. Para ele, a perturbação da frase tradicional é coisa do passado: assim, hoje, na pintura, observa-se a tendência de uma volta ao figurativismo. Ao que lhe foi dito que o neo-figurativismo que vem por aí (esperemos pela VII Bienal) é uma imposição dos mercadores de arte, mais uma manobra destinada a não deixar morrer uma arte morta — a pintura. Arte figurativa — se alguma pode existir ainda — é o cinema.

Pela visão subdesenvolvida da cultura, o Brasil só pode exportar as matérias-primas do exótico: a flora, a fauna, a luz tropical e as assim chamadas artes populares, de que Portinari, Vila Lobos e Jorge Amado são famosos representantes... Até a miséria tem um quê de folclórico.

Mercado. Fomento do consumo interno. Sem produção. Inflação. Resultado: plágio ou chupança, isto é: artes formalistas.

"A prosperidade nos negócios é um sinal de eleição" — Oswald de Andrade.

A revista *Time*, de 7/9/62, dedica oito páginas a cores ao neofigurativismo norte-americano, que agora parte para a conquista mundial através de uma mostra itinerante intitulada *Art: USA: Now*. E comenta: "Entrepreneur Nordness believes that U. S. artists will begin to get a bigger slice of the international art market — and inflated U. S. prices will begin to level off as more realistic appraisals emerge from competition with European contemporary painters". ("O empresário Nordness acredita que os artistas dos Estados Unidos começarão a ter uma fatia maior do mercado internacional de arte — e os excessivos preços americanos começarão a baixar de nível na medida em que estimativas mais realistas emergem da competição com os pintores contemporâneos europeus").

Depois de 50 anos, o cidadão norte-americano Stravínsqui volta, de visita, à União Soviética.

Os artistas brasileiros do ex-realismo socialista estão novamente animados. O boom neo-figurativista vai provocar um *jour de fête* geral: poderoso tônico para o recém-criado mercado de arte nacional. Naturalmente, a maioria dos pintores (que havia aderido ao tachismo e ao expressionismo abstrato) terá de reconverter seu expressivo artesanato. O que, aliás, farão sem muita morte na alma. Teremos muitas retrospectivas.

No almôço de despedida a Robbe-Grillet,

na sede da UBE paulista, uma escritora, num transporte patriótico, depois de afirmar que é preciso mostrar o "verdadeiro" Brasil aos estrangeiros, arrematou: "Afinal, o que importa é a vida, e não a arte". Robbe-Grillet arregalou os olhos, meio que levantou os braços e enguliu seu bocado de vatapá, camuflado do muxoxo-gemido de gozação gentil. Mas sua esposa não se conteve: "Afinal, o que é que estamos fazendo aqui?" (no sentido de: tal seria um artista não falar de arte). Curioso é que, minutos antes, as senhoras escritoras presentes se açodaram em recolher todos os paliteiros da mesa. Que não os visse o francês, rata imperdoável. Na França não se usa palito. Mas no Brasil se usa. Ou, pelo menos, em São Paulo. Ah bom, mas São Paulo não é o "verdadeiro" Brasil...

Poesia concreta participante é engajamento ao nível da invenção artística: não pode haver outro. Nessa situação, o grande homem da luta é Maiacóvski.

A Secretaria de Educação e Cultura de São Paulo está para lançar um concurso de composições musicais. Pelo edital do concurso, é proibido lançar mão de tema de folklore. Mas é obrigatória a adoção dos ritmos do choro, da valsa e do baião! Nem era necessária tão ridícula humilhação para provocar o furor dos jovens compositores (Rogério Duprat, Damiano Cozzella, Willy Correia de Oliveira), que já aprontaram um requerimento-protesto. Enquanto isso, a Comissão Estadual de Literatura também instituiu um concurso de poesias (150 mil cruzeiros): é proibido concorrer com poesia satírica.

"É com a ópera italiana que vai salvar o mundo". Oswald de Andrade.

Maiacóvski, que Stalin "oficializou" (post mortem) como o poeta da revolução, é praticamente ignorado pelos "donos" da arte participante no Brasil. Naturalmente, tentarão ignorar também Ievtchenko, jovem poeta soviético, que agora continua Maiacóvski, entre um retrato de Hemingway à mesa e um quadro cubista na parede — e sentando a pua na arte da *telega* (carroça). Mas os concretos Haroldo de Campos e Augusto de Campos, com a colaboração do prof. Boris Schnaidermann, estão fazendo

grandes traduções dos poemas mais contundentes daqueles poetas.

Enquanto isso, no Brasil, no "verdadeiro" Brasil, o CPC (Centro Popular de Cultura). A julgar pelo ante-projeto da autoria do sr. Carlos Estevam, volta-se simplesmente ao realismo socialista, sob a denominação de "arte popular revolucionária". Temperando jdanovismo com algum Sartre, e não sem pena, o sr. Carlos Estevam conclui pelo pior: a arte popular revolucionária deve utilizar os estereótipos da cultura popular, com capacidade de comunicação já comprovada. Enlatados pópulo-artístico-revolucionários. O mais deslavado formalismo. E dizer que Maiacóvski (que os cepecistas desconhecem) chamava de "inventa-língua" ao povo.

O que vem por aí é um tremendo contragolpe anti-cultural, anti-artístico, mac-artístico. A arte tendo de pagar as longas despesas da incapacidade criativa.

A poesia concreta coloca-se ao nível da produção. É poesia de base. Pesada. Máquina-ferramenta. Participante.

É o equívoco consumatório de uma cultura que promove Castro Alves à posição de "poeta social do Brasil". Agora se começa a ver que o grande poeta participante do século passado — um dos grandes poetas da língua — foi o dificilmente declamável Sousaândrade. Portinari terá sido pouco mais do que o Pedro Américo ou o Vítor Meireles do modernismo: o guindaste do consumo o elevou às nuvens. Mas o grande pintor é Volpi, que não produz mais do que dez ou doze obras por ano. Vila Lobos deixou cerca de duas mil peças musicais. Mas o produtor Anton Webern só trinta e duas — que estão na base de toda música nova que se produz hoje. Até o "American Jazz Quartet", que aqui se exibiu há pouco, cita Boulez e Stockhausen. Mas os nossos camargos-guarnieris impõem os ritmos do baião e do maxixe.

Essa arte popular revolucionária do sr. Carlos Estevam é a arte do *best-seller*. Que arte popular é essa que não contribui com nada para a cultura do povo? Incapaz de absorver criticamente a inventiva da arte popular, da arte anônima e da arte do passado, rouba, chupa, plagia e deturpa. Nada pior do que esses intermediários, esses atravessadores da cultura popular e revolucionária.

Porque o sr. Carlos Estevam não dá uma espiada em alguns números da revista cubana CASA?

Talvez seja por deferência à estatura anã dos fazedores desse tipo de arte que a União Soviética nos envia (à Bienal) amostras do que de mais acadêmico produziu. Enquanto isso, envia Ievtuchenko pela Europa e à Cuba.

"O pagador de promessas" vem com a palma de ouro, "O assalto ao trem pagador" lhe é superior — mas o grande filme ao nível da produção é "Os Cafajestes".

Até ontem, os arquitetos não tinham sua profissão autônoma regulamentada. Além disso, não queriam ser classificados como artistas (pejorativo para a clientela). E ficavam à mercê dos engenheiros civis (aliados das firmas construtoras e incorporadoras). Hoje, apenas satisfeitos nas suas justas pretensões, lançam-se vorazes contra qualquer artista (sem CREA) que pretenda fazer desenho industrial (*industrial design*). Querem encampar a coisa, já se formaram em Associação dos Desenhistas Industriais Profissionais, já têm sua cadeira de Desenho Industrial, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo — e tomam regulamentação leonina para todos os lados. Mas não ficam por aí. Justamente os mais ignorantes e picaretas já começam a pulir seus palpitantes de bufo terrorismo cultural sobre a pintura e demais artes. Sempre na base da "participação", naturalmente. E muito acatados pelos novéis pintores figurativos (en-

mendas de murais de centenas de metros de cruzeiros quadrados).

No meio desse irracionalismo, o problema da comunicação não vai encontrar nesga de solução. Viciado pela idéia de mercado. O consumo. O sucesso. O povo simplesmente entendido como público consumidor. O povo: uva total sempre verde da raposa trágica.

É imoral, é impostura reacionária, devolver ao povo, sob a pomposa denominação de arte, os dejetos (estereótipos) de sua própria cultura.

"O engenheiro Sajeve, na luta contra o naturalismo que o Partido procura impor, afirmou que "se podem exprimir idéias não só pelo assunto, mas pela própria pintura". Oswald de Andrade.

Enquanto isso, na União Soviética, Katátsov retoma a linha inventiva (interrompida pelo stalinismo) de Eisenstein: "Quando voam as cegonhas". Os treze volumes das obras completas de Maiaçovski — só os palavras censurados: primeira letra e três pontinhos — foram tirados a 190.000 exemplares. E a própria obra de Iessienin ("E minha irmã começa/ abrindo como bíblia o *Capital* ventruado/ a me falar de Marx,/ de Engels.../ Jamais, em tempo algum,/ dei-me ao trabalho de ler tais livros...") é tirada a meio milhão de exemplares!

"Não há arte revolucionária sem forma revolucionária". Maiaçovski.

RÉSUMÉ

En analysant plusieurs événements l'auteur rappelle à l'artiste certaines exigences illégitimes, officielles ou officieuses, concernant l'engagement, la production et le marché de l'art. La bureaucratisation de la culture et l'officialisation de l'art, par exemple, nous conduit aussi bien au doix noms de guerre pour les astronautes russes, à l'exportation brésilienne de matières premières, ou à la défense de thèmes folkloriques dans un concours officiel à São Paulo, en contradiction avec l'obligation de rythmes populaires. L'équivoque de la production artistique pour le grand public compris ici uniquement comme marché de consommation se montre dans l'exposition Art: USA: Now qui servira, selon le *Times*, aux artistes nord-américains pour qu'ils gagnent "une tranche plus grande du marché international de l'art". La tendance au retour au figuratif dans la peinture est une solution pour ne pas laisser mourir un art déjà mort, car s'il y a un art

figuratif c'est le cinéma. Un autre exemple est la position du Centre Populaire de Culture (CPC), de Rio, pour qui l'art populaire doit utiliser des stéréotypes d'une efficacité déjà éprouvée. Encore deux exemples: l'exaltation de Castro Alves comme "poète social du Brésil", qui méconnaît Sousândrade, qui était réellement engagé, et la promotion de Portinari au dépens de Volpi. C'est ainsi que l'encouragement de la production conduira, au plagiat et au formalisme; la préoccupation d'exporter le "véritable" Brésil amène à la présentation d'un Brésil falsifié: le soi disant art populaire révolutionnaire, retour au réalisme socialiste, n'est que l'art du best-seller. Ainsi le véritable problème de la communication est négligé et les idées de marché, de consommation et de succès — imposture réactionnaire — ainsi que l'incapacité d'absorption critique de la puissance créatrice de l'art populaire ne font que restituer au peuple, sous le beau nom d'art, les déchets d'une culture.

SUMMARY

Reporting on a few events, the author places the artist in front of certain genuine impositions leading onto greater participation, production and consumption of Art. Bureaucracy of culture together with an official art, for instance, have a number of curious effects: colorful names given to the Russian astronauts, the exportation of Brazilian raw-material of bizarre art and the recent prohibition of folk art themes in an official contest set up in São Paulo. The failure of art mass production (if one understands the people here as simply a form of a consumer's market) finds an example in the new motto **Art: USA: Now** which will greatly contribute, according to the *Times*, to american artists getting a larger share of the Art international market. For it is not difficult to see that trend towards the revival of figurative painting is but an intelligent move in order to try to avoid the final decay of an already dead art form. Figurative art, if it exists at all, is no other than motion picture. Another equally good example would be, according to a research led by the **Centro Popular de Cultura** of Rio, the conclusion that any popular art must use, so to say, stereotypes of already known effectiveness.

Still other examples could be found in the undue exaltation of Castro Alves as the "social poet of Brazil" at the same time that Sousândrade would be discriminately left unknown; again in the unjustified promotion that Portinari has received so far, in spite of even a Volpi. The author believes that it is bound to follow from all of this some sort of excessive catering of a type of art production which will definitely lead onto sheer imitation and formalism. Thus, the preoccupation as regards the exportation of the "true" Brazilian art will end in showing only a falsified picture of Brazil. Also, this pretentious revolutionary popular art, which in the long run represents a draw back into socialist realism, will not prove to be better than the so-called best-seller art. Thus, the author concludes, the real problem of communication is left aside and the ideas of market, of consumption and success (which seems to be but a deceptive move of the reaction) take its place. The incapacity in critically assimilating the inventiveness of popular art only pays back to the people, under the pompous name of art, the rubbish of their own culture.